

A NARRATIVA COMO FERRAMENTA DE CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA; ANÁLISE DO DOCUMENTÁRIO 15 FILHOS.

Resumo: Este artigo tem como objetivo fazer uma análise do documentário “15 filhos”, buscando intercalar discussões acerca da importância das narrativas para a construção da memória sobre a ditadura militar, ao passo em que incorpora as questões sobre os espaços de disputa na constituição destas narrativas e ainda busca discutir a correlação do que é tomado como expressão da memória individual em relação ao coletivo. Levando em consideração o crescente movimento negacionista no que diz respeito ao período em que o Brasil foi governado pelos militares a partir do golpe de 1964, esta que se torna marco histórico brasileiro e que desde seu fim é aquecido assunto não só no campo historiográfico, mas de modo geral, principalmente em virtude do atual cenário de disputas da memória do que foi o período ditatorial brasileiro. Vamos através deste analisar as estratégias de resgate da memória, não só da Ditadura Militar, mas também dos que dela foram vítimas, que se utiliza a produção documental “15 filhos”, tratando ainda da importância das vídeobiorafias e como elas logo ao fim do processo ditatorial começam a surgir como artifício para a constituição da memória do evento. buscamos também discutir o papel que elas assumem nos atuais espaços de disputa a que estão sujeitas estas construções narrativas e por consequência os de memória. E por fim, nos voltamos para a questão de como a memória da ditadura se caracteriza como espaço de disputa nos dias atuais e de que forma as narrativas se tornam ferramentas de construção e preservação desta memória.

Palavras Chave: Narrativa, Vídeobiorafias, Memória, Ditadura.

Abstract: This article aims to analyze the documentary “15 sons”, seeking to intersperse discussions about the importance of narratives for the construction of memory about the military dictatorship, while incorporating the questions about the spaces of dispute in the constitution of these narratives and still seeks to discuss the correlation of what is taken as an expression of individual memory in relation to the collective. Taking into account the growing negationist movement with regard to the period in which Brazil was governed by the military since the 1964 coup, this has become a Brazilian landmark and since its end has been a heated issue not only in the historiographic field, but in general, mainly

due to the current scenario of memory disputes of what was the Brazilian dictatorial period. Through this we will analyze the strategies to rescue the memory not only of the Military Dictatorship, but also of those who were victims of it, which uses the documentary production “15 sons”, also dealing with the importance of vídeobiorafias and how they are right at the end of the process. As the dictatorship begins to emerge as a device for the constitution of the memory of the event, we also seek to discuss the role they play in the current spaces of dispute to which these narrative constructions are subjected and, consequently, those of memory. And finally, we turn to the question of how the memory of dictatorship is characterized as a space of dispute today and how narratives become a tool for the construction and preservation of this memory.

Keywords: Narrative, Dictatorship, Memory.

Introdução

O processo da Ditadura Militar muito presente nas pesquisas históricas em estudos que buscam explicar e trazer à tona as questões muita das vezes polemizadas que acompanham o legado deixado pelo período ditatorial brasileiro, período este que se caracteriza pela forte repressão e cerceamento de direitos civis e humanos, principalmente no que diz respeito as liberdades de expressão e de imprensa. Desde a instauração do processo ditatorial brasileiro em 1964 até seu termino em 1985, foram 21 anos de política repressiva e de duras perseguições aos grupos que se opunham ao regime, usando de meios violentos de repressão a esses movimentos opositores, resultando na tortura e na morte de milhares de pessoas durante a Ditadura Militar¹, estas que os corpos até hoje estão em grande número desaparecidos.

Discutir Ditadura Militar ainda hoje representa tarefa difícil no que diz respeito ao jogo de memória ao qual está sujeito o processo de narrar os acontecimentos. Estas narrativas que se constroem em meio a esses processos traumáticos estão dentro de um espaço de constante disputa referindo-se a construção das narrativas e da memória deste período, ou seja, construção da memória se caracteriza por um processo de disputa em que abre precedentes para a produção de espaços de narrativas sejam estes a música, a arte, a televisão e o cinema.

¹ Período em que os militares assumem o governo logo após o golpe de 1964. Ficando no poder até 1985, período de 21 anos caracterizado por uma política repressiva e controle principalmente nas questões políticas e de imprensa.

Ainda que complexa, a produção destas narrativas esteve muito presente principalmente no que diz respeito a importância que narrar a experiência da Ditadura representa para a compreensão do que foi o período de repressão. Durante os primeiros anos após a ditadura e até mesmo durante ela, algumas obras foram produzidas com o objetivo de não se deixar esquecer os anos sombrios que marcaram o processo como cita MENESES (2014).

Em termos gerais, podemos dizer que esses filmes servem também como uma espécie de catarse, como suporte de reflexão e apropriação desse passado recente no qual se evidencia uma luta contra o esquecimento, bem como os problemas coletivos acerca das interpretações de traumas, silêncios e conflitos em torno da memória do regime militar. (MENESES, Sônia; 2014; p.138).

Dentre estas produções, uma que assume caráter de constituir em si uma memória não só voltada ao período ditatorial, mas também no processo de construção da própria identidade de quem foi vítima da ditadura e que teve sua individualidade surrupiada para que fosse esquecida por aqueles que tem um vínculo ou não com essas pessoas.

O documentário *15 filhos*² nos traz uma questão muito importante quando se trata da construção da narrativa, principalmente na constituição das identidades das vítimas e demonstrar os suportes de memória em que se apoiam os entes para evitar o esquecimento daqueles que foram levados pela repressão, assumindo um papel na construção da memória traumática sobre estes eventos tomado como forma de ligar o relato da experiência individual ao processo de construção da experiência coletiva sobre o processo como descreve SILVA(2008).

Daí a ênfase no título desta conferência na expressão “catástrofes históricas”. Nestas situações, como nos genocídios ou nas perseguições violentas em massa de determinadas parcelas da população, a memória do trauma é sempre uma busca de compromisso entre o trabalho de memória individual e outro construído pela sociedade. (SILVA, S. Mario; 2008; p.67).

Portanto o presente artigo busca analisar a narrativas da experiência individual na construção da memória coletiva acerca do processo ditatorial, e ainda discutir a importância do relato para a construção de uma memória que se perdeu e da construção das identidades daqueles que desapareceram e que tiveram suas experiências ocultadas focando na produção fílmica em uma análise do documentário *15 filhos* de (1985).

² 15 filhos, documentário de 1996 dirigido por Maria Oliveira e Marta Oliveira.

Narrativa, uma expressão da memória.

O documentário *15 filhos*, nos remete a importância da narrativa no que se refere ao papel que ela desempenha na constituição coletiva da memória, ao ponto em que ele estabelece a ligação da experiência individual com a coletividade tirando o depoente de seu estado de isolamento na questão da vivência, incorporando-a em uma perspectiva mais ampla a da coletividade como afirma SILVA(2008).

A narrativa teria, portanto, dentre os motivos que a tornavam elementar e absolutamente necessária, este desafio de estabelecer uma ponte com “os outros”, de conseguir resgatar o sobrevivente do sítio da outriedade, de romper com os muros do Lager. (SILVA, S. Mario; 2008; p.66).

A narrativa, portanto, assume o papel de estabelecer uma relação entre a o indivíduo em seu campo da experiência interpessoal para com a relação com a outra individualidade assim formando uma vivência que não pertence somente ao indivíduo, mas a uma coletividade.

Mas há uma pertinência quanto a questão da própria vivência, em que o indivíduo que narra não teve acesso a totalidade do processo, portanto, sua narrativa se limita ao que ele presenciou, mas não viveu totalmente. Quem viveu a experiência da repressão em sua totalidade em incapaz de narrar, pois não está presente para o fazer.

Deste modo podemos nos questionar, como essas narrativas se constituem de forma a abranger a experiência em sua perspectiva total? A construção da narrativa que se discute aqui está vinculada a experiência individual na construção de uma memória coletiva em que o sujeito liga sua experiência pessoal com a do outro e assim se formam núcleos de memória que justos constituem uma coesão coletiva.

No documentário vemos este aspecto na obra em si, onde apesar de tratar de se tratar de depoimentos individuais quando colocados e pensados em uma perspectiva que ultrapassa o campo pessoal, constitui uma representação das memórias de uma coletividade que compartilha das mesmas angústias. SILVA (2008) soluciona essa questão ao ponto que coloca o ato de imaginar como ferramenta narrativa da experiência traumática:

A imaginação é chamada como arma que deve vir em auxílio do simbólico para enfrentar o buraco negro do real, do trauma. O trauma encontra na imaginação um meio para sua narração. A literatura é chamada diante do trauma para prestar-lhe serviço. (SILVA, S. Mario; 2008; p. 70).

Temos exemplo disso quando os depoentes tentam constituir no documentário uma imagem dos seus entes que foram vitimados, onde eles fazem o uso do aspecto imaginário, mas ainda sobre uma ótica do relato coletivo em que esta representação imaginária se baseia. Portanto, podemos então dizer que, a narrativa quando se relaciona ao processo de imaginar a experiência incorporando-a a um aspecto real da vivência que apesar de não a termos vivido se torna parte da nossa memória.

A constituição da própria identidade, dos entes do depoentes se torna resultado desta perspectiva do imaginário, quando no documentário é narrado a dificuldade de imaginar a figura dos seus pais, mas ao mesmo tempo em que destacam esse problema conseguem constituir uma figura de heroísmo para os entes perdidos esta que bebe da narrativa mas ampla no aspecto coletivo de que os resistentes ao processo ditatorial foram “heróis”. E, portanto, vemos os campos tanto da narrativa individual quanto da coletiva se unirem para constituir a memória.

Por fim a narrativa assume papel primordial na constituição dessas memórias, levando em conta o fato que ao enxergamos a experiência sobre nossa perspectiva e através dela relacionar com o que coletivo constituímos uma memória mais completa e segura do passado.

O documentário e a narrativa

A utilização do espaço filmo-gráfico para narrar a ditadura se dá a partir dos primeiros anos após seu fim, porém, ainda temos exemplares que foram produzidos ainda no processo ditatorial, portanto discutir a importância que estas produções assumem como forma de manutenção do cenário da vivência da Ditadura e da preservação da memória tanto do acontecimento, quanto das vítimas que ficam evidenciadas nestes espaços de narração.

MENESES (2008), expressa a importância da narrativa no espaço do documentário, ao ponto em que este evidencia a perspectiva de quem foi vitimado e constitui os relatos a partir da experiência deste.

retratado em diversos documentários, programas de TV, biografias, exposições, entre outros, a memória adquire uma nova configuração, principalmente ao colocar em primeiro plano as testemunhas e vítimas desses eventos como porta-vozes do passado. (MENESES, Sônia; 2014; p.138).

Após o fim da ditadura a produção de filmes acerca da temática já se fazia presente, porem como um aspecto de reflexão sobre o passado. A produção que se propões a protagonizar o relato dos sujeitos que vivenciaram e foram vítimas do processo só surge com força na década de 90.

Para a filmografia que se preocupa em trazer as discussões acerca do período ditatorial, é comum a denúncia do processo de esquecimento, daí se expressa a importância que uma narrativa que se expande ao espaço do filme tem na manutenção da memória e da sua validade nos processos de reparação inclusive ao que se refere a própria imagem dos que foram colocados como criminosos e terroristas por se opor ao processo ditatorial.

Este processo é marcadamente expresso no filme, que busca reparar esta imagem de criminalidade que ficou debruçada sobre os guerrilheiros que compunham a resistência perante a Ditadura. Vemos no documentário os relatos dos filhos que viam em seus entes a imagem de heróis que lutaram em favor da liberdade, assim, a narrativa fílmica se torna ferramenta reparadora da identidade perdida e coloca em evidencia os personagens que agora fazem parte de um novo aspecto de identidade em relação a que foi construída anteriormente.

Neste aspecto vemos que a o documentário se aproxima do que interpessoal, do que constitui a representatividade, no caso dos depoentes a imagem dos que foram perdidos e que agora tem a possibilidade de expressar uma figura identitária específica na memória de cada um dos filhos que compõem os depoimentos.

Estas questões nos trazem o aspecto do luto que está incorporado nesta proposta narrativa do documentário no momento que se expressa o desconforto com a realidade de não poder ter um acesso total ao luto devido a desaparecimento dos familiares. E assim vemos ou temos noção do alcance da narrativa para compor este luto como apresenta MENESES (2014). “Dessa forma, a biografia se torna o lugar do luto, da homenagem, e pretende restituir ao desaparecido a humanidade que lhe foi negada, ao mesmo tempo em que monumentaliza sua existência.”

Estas expressões se colocam como processo transgressor do relato do processo para um trabalho de rememoração e esta que é possibilitada pela reflexão e interpretação do passado.

O trabalho filmo-gráfico está ligado a um caráter emocional, mas não somente a ele está produção tem como função primordial racionalizar o passado e as experiências, constituindo assim uma memória que possa ser tida como política e racionalizada como descreve MENESES (2014).

Não é apenas para o luto que a narrativa biográfica se organiza; na verdade, ela pode agenciar vários sentidos e usos do passado e, além de servir como lugar de memória, também pode atuar na elaboração de uma memória política e racionalizada na construção de identidades. (MENESES, Sônia; 2014; p.146).

Portanto o documentário se desprende da exclusividade de narrar se volta a uma representação política que busca racionalizar o passado em busca da compreensão dos processos e seus reflexos no contexto atual e nas suas representações na memória em um patamar social.

Pensar na maneira como o documentário liga o presente ao passado é importante pois é através destes aspectos que podemos entender a configuração do processo narrativo na concepção do espaço memorial. Elementarmente o documentário utiliza-se dos próprios indivíduos para nos remeter ao passado, pois, eles são a própria ponte por terem um vínculo com as vítimas da ditadura e, portanto, carregam em si um fragmento delas.

De modo geral a narrativa do documentário assume papel importante, pois, através dela se incorpora uma ligação do presente com o passado em um aspecto tanto emocional como racionalizado que busca colocar o relato pessoal em um parâmetro mais amplo e sistematizado na construção de uma memória não só coletiva, mas histórica da Ditadura Militar.

As narrativas da ditadura, um espaço de disputa.

O processo de construção da memória se caracteriza por ser um espaço em constante disputa, ainda mais quando esta se racionaliza no campo do pensamento histórico por ter marcado fortemente o contexto social de uma época, como é o caso da Ditadura Militar.

A ditadura se monumentalizou na memória cultural da nossa sociedade, portanto está em meio a disputas constantes, principalmente no contexto atual em que estes enfrentamentos são intensificados pelo reavivamento das questões sobre o que foi o processo ditatorial brasileiro.

Apesar de tudo, que já foi produzido e estudado sobre o período de repressão, se constitui atualmente um processo de negação da ditadura em si, buscando esquecer a violência, a tortura, as mortes e principalmente as vítimas deste processo cruel e que ainda deixa fortes marcas na memória do povo brasileiro como expressa MENESES e MELO (2018).

Destaca-se ainda a emergência de vários movimentos de caráter conservador, como aqueles assistidos nas manifestações de oposição ao governo petista, entre os anos de 2014 e 2016. Notadamente, em muitas manifestações a ditadura brasileira foi festejada e continuou aparecendo de forma saudosista em discursos que ganharam as ruas. MENESES, Sônia e MELO, Egberto 2018 p. 254).

A emergência destes movimentos, constitui perigoso processo de esquecimento, do que representou a ditadura militar, e está direcionado a uma necessidade de se apagar o passado para que o país possa caminhar para o futuro, em negação da justiça aos familiares das vítimas do processo ditatorial.

Estas disputas acarretam uma necessidade pela busca de estratégias de preservação da memória e a narrativa se mostra como meio eficaz para a disputa é trazer cada vez mais os testemunhos de quem viveu este capítulo sombrio da história brasileira.

É importante salientar o papel que a vítima da ditadura exerce para solução deste debate pois este que viveu o processo tem a capacidade de o narrar em sua experiência mais marcante e verdadeira, estes que não se oprimiram ao falar do que viveram durante a ditadura militar como mostra KEHL (2004).

Ou seja: os opositores da ditadura militar, vitimados ou não pela prática corrente da tortura, não deixaram de elaborar publicamente sua experiência, suas derrotas, seu sofrimento. Não deixaram de simbolizar, na medida do possível, o trauma provocado pelo encontro com a atrocidade que um homem é capaz quando a própria força governante (no caso, também pela força da lei) o autoriza a isso. (KEHL, Maria Rita, 2010 p.127).

Portanto os espaços da narrativa acima de tudo assumem o papel de preservar essas lutas pela memória, pelo combate ao esquecimento e busca de alguma maneira construir como forma de reparação um pouco da memória de cem foi levado pela ditadura erando o mínimo de conforto e quem não pode enterrar os corpos dos seus familiares por estarem até hoje desaparecidos.

FILMES CITADOS;

15 Filhos, (1996); Maria Oliveira e Marta Nehring

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

MENESES, Sônia. Luto, identidade e reparação: vídeobiorafias de desaparecidos na ditadura militar brasileira. (2014).

_____; MELO, Egberto. história, memória e leituras do passado: o que as apropriações sobre dom Paulo Evaristo Arns e o Cel. Brilhante Ustra nas redes sociais podem nos ensinar? (2018)

TELES, Edson; SAFATLE Vladimir. O que resta da ditadura: a exceção brasileira / Edson Teles e Vladimir Safatle (Orgs.). – São Paulo: Boi Tempo, 2010.

SILVA, Márcio Seligmann. Narrar o trauma – a questão dos testemunhos de catástrofes histórica. (2004).